

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MARIA CLARA RAMOS PETRARCA

**“O INFERNO”, DE DANTE ALIGHIERI, E A INFLUÊNCIA RELIGIOSA: DA
IDADE MÉDIA AO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Bagé

2023

MARIA CLARA RAMOS PETRARCA

**“O INFERNO”, DE DANTE ALIGHIERI, E A INFLUÊNCIA RELIGIOSA: DA
IDADE MÉDIA AO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras –
Português e Literaturas de Língua
Portuguesa da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em
Letras.

Orientadora: Miriam Denise Kelm

Bagé

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P493" Petrarca, Maria Clara Ramos
"O Inferno", de Dante Alighieri e a influência religiosa:
da Idade Média ao mundo contemporâneo / Maria Clara Ramos
Petrarca.
34 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2023.
"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. Religião. 2. O Inferno. 3. Dante Alighieri. 4.
Sociedade. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

MARIA CLARA RAMOS PETRARCA

"O INFERNO", DE DANTE ALIGHIERI, E A INFLUÊNCIA RELIGIOSA: DA IDADE MÉDIA AO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18 de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. João Pedro Rodrigues Santos

SB-BG - Folha de Aprovação CA-BAGE 1336610

SEI 23100.025895/2023-67 / pg. 1

(SMED-Bagé)



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 14:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **João Pedro Rodrigues Santos, Usuário Externo**, em 20/12/2023, às 16:33, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 18:11, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1336610** e o código CRC **5EEDB905**.

Referência: Processo nº 23100.025895/2023-67 SEI nº 1336610

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, eu agradeço à minha tia/mãe pelo apoio nessa trajetória de minha vida, agradeço por sempre me incentivar e acreditar em meu potencial desde muito cedo.

Agradeço ao meu pai pelas oportunidades e educação que tive na vida.

Minha maior gratidão aos meus amigos. Obrigada pelo apoio e as palavras consoladoras nos meus momentos mais difíceis.

E, por fim, o meu agradecimento final vai a todos os meus professores que me ensinaram ao longo desses cinco anos no curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa e, agradeço, principalmente à Prof^a Dr^a Miriam Kelm por me orientar nessa etapa final de meu aprendizado e por fazer valer a pena todo o nosso estudo e esforço ao longo da escrita desse trabalho.

DEDICATÓRIA

Eu dedico não somente esse trabalho, mas toda a minha dedicação acadêmica, meu crescimento individual e a minha criação de valores e caráter à minha falecida vó. Eu sei que nós devemos ter a consciência de mostrar a nossa gratidão às pessoas que estão à nossa volta, ainda vivas, mas eu era jovem demais para demonstrar isso. Obrigada por tudo, jamais esquecerei a senhora.

*Vai-se por mim à cidade dolente,
vai-se por mim à sempiterna dor,
vai-se por mim entre a perdida gente.*

*Moveu-se justiça o meu alto feitor,
fez-me a divina Potestade, mais
o supremo Saber e o primo Amor.*

*Antes de mim não foi criado mais
nada senão eterno, e eterna eu duro.
Deixai toda esperança, ó vós que
entraís.*

Dante Alighieri

RESUMO

No presente trabalho, cujo título é: “”O Inferno”, de Dante Alighieri e a influência religiosa: da Idade Média ao mundo contemporâneo”, teve-se como objetivo estudar mais detidamente a representação literária do inferno criada pelo autor nessa obra, bem como analisar as concepções de punições e pecados no período da Idade Média, a fim de verificar a evolução social, religiosa e política da humanidade até o momento contemporâneo, conforme a influência religiosa e o que se entende por “pecado” nos dias atuais. Utilizamos nesta pesquisa como autores principais: Jacques Le Goff, Jean-Claude Schmitt, Carmelo Distante, Barbara Reynolds, Zygmunt Bauman, entre outros.

Palavras-Chave: “O Inferno”; Dante Alighieri; pecados; religião; sociedade.

ABSTRACT

In the present work, whose title is: “Inferno”, by Dante Alighieri and the religious influence from the Middle Ages to the contemporary world”, the objective was to study in more detail the literary representation of hell created by the author in this work, as well as analyze the conceptions of punishments and sins in the period of the Middle Ages, in order to verify the social, religious and political evolution of humanity until the contemporary moment, according to religious influence and what is understood by “sin” today. In the research we used as main authors: Jacques Le Goff, Jean-Claude Schmitt, Carmelo Distanto, Barbara Reynolds, Zygmunt Bauman, etc.

Key-words: “The Inferno”; Dante Alighieri; sins; religion; society.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 “A DIVINA COMÉDIA”, DE DANTE ALIGHIERI	14
2.1 “O Inferno”	17
3 A RELIGIOSIDADE NA IDADE MÉDIA.....	22
3.1 A sociedade florentina.....	23
4 NOÇÕES SOBRE PECADOS E PUNIÇÕES	26
4.1 Percurso histórico.....	29
5 NOÇÕES REVISTAS (OU REVISITADAS) NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
7 REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa, intitulado de: “O Inferno”, de Dante Alighieri e a influência religiosa: da Idade Média ao mundo contemporâneo”, tem como objeto de estudos parte da obra de Dante Alighieri “A divina comédia”, mais especificamente “O inferno” publicada no século XIV, a fim de melhor compreender o imaginário que sustenta esse clássico, em relação aos pecados e suas punições segundo a perspectiva religiosa da época medieval, observando a evolução e atualização do que se entende por pecado no mundo contemporâneo.

Desde o meu primeiro contato com a obra “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, no início do curso de Licenciatura em Letras, guardei um enorme interesse em levar mais adiante os estudos em relação, principalmente, ao “O Inferno”, de Dante Alighieri, pois sempre me mantive refletindo sobre como o autor conseguiu elevar tão profundamente os pensamentos em relação aos pecados dentro de um período com tão poucos materiais para estudos e levantamentos científicos. E por mais que a Igreja Católica exercesse uma influência significativa na população da Idade Média (período da escrita e publicação da obra), hoje essa influência não é mais tão relevante na opinião e vivência de muitas pessoas, principalmente no Brasil.

Sendo assim, desejei ir mais fundo nessas reflexões para compreender as evoluções - para o lado negativo - da Humanidade em meu entender e pesquisar a influência religiosa na sociedade antiga e moderna.

Portanto, algumas das justificativas utilizadas para sustentar o presente projeto localizam-se, principalmente, em uma afetividade pessoal com relação à obra “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, tanto por essa abordar questões sociais, que ainda se perpetuam nos dias atuais, quanto por analisar essas mesmas questões sociais e religiosas e identificar o quão longe a humanidade consegue ir conforme as suas crenças, e de que forma a ideia de pecado influencia na singularidade de cada ser humano.

Desta forma, nós possuímos o objetivo de estudar mais profundamente o período, visando compreender melhor sobre as crenças e comportamentos das pessoas medievais, na quais geraram a possibilidade de criação de um texto como “A Divina

Comédia”, de Dante Alighieri, além de compreender mais a fundo o que alguns teóricos contemporâneos dizem a respeito da representatividade literária que Dante Alighieri alcançou a respeito do além-vida, e refletir sobre a contemporaneidade e o modo como os conceitos sobre o pecado, na Idade Média, se modificaram, bem como as noções sobre a influência exercida pela religião no modo de vida da sociedade, em especial a brasileira.

No capítulo 2 trataremos sobre a obra “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, já no capítulo 3 veremos sobre a Idade Média e a sociedade de Florença, no capítulo 4 colocamos em discussão os pecados e punições, o seu percurso histórico e a representação do imaginário medieval em “O Inferno”, de Dante Alighieri, após isso, no capítulo 5 trataremos sobre as noções de pecados na sociedade contemporânea, no capítulo 6 nós teremos as considerações finais e, por fim, no capítulo 7, listaremos as referências bibliográficas utilizadas neste trabalho.

2 “A DIVINA COMÉDIA”, DE DANTE ALIGHIERI

Dante Alighieri - conhecido como o escritor de “A Divina Comédia” - nasceu entre 15 de maio e 15 de junho em Florença, cuja localidade é o que conhecemos como Itália hoje, local esse que era dominado por disputas políticas e conhecido pelas execuções públicas, como é retratado por Barbara Reynolds:

Execuções públicas eram comuns, assim como em outras cidades. Dante diz que via pessoas sendo queimadas vivas. Ele também testemunhou a terrível morte de assassinos, que eram enterrados de cabeça para baixo, só com as pernas para fora. [...] Os diabos e os tormentos no Inferno não são uma invenção de Dante. Essas advertências aterrorizantes eram retratadas não só em afrescos e mosaicos, eram recitadas em rimas por artistas de rua, eram tema de sermões e peças de teatro (REYNOLDS, 2011, p. 39)

Com isso, é possível obter conhecimento em relação ao mundo com o qual Dante conviveu e compreender que as ideias sobre pecados e suas punições não surgiram somente de sua mente, mas que era comum assistir a essas demonstrações de horrores de forma pública. Portanto, como foi dito por Italo Calvino: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).” (2007, p. 11), ou seja, conhecer e compreender sobre a vida de Dante Alighieri, é conhecer o seu povo e suas tradições, e muitas dessas tradições estão testemunhadas em “A Divina Comédia”, portanto, nós temos esse contato com as marcas e manifestações, citadas acima por Calvino. Além disso, o texto gerou incontáveis reflexões e escritas que repercutem até os dias de hoje.

Em 1295, Dante começou a sua vida política, alcançando então, o cargo de governador de Florença e se opôs, mais adiante, aos Guelfos Brancos, contestando a administração da Igreja e a política do Império, além de possuir disputas e desentendimentos com o papa Bonifácio VIII. Mais tarde foi à Roma na intenção de debater com o papa Bonifácio VIII em relação à interferência dos Guelfos Negros na política de Florença, e ao voltar à cidade natal, recebeu o aviso de que havia sido condenado pelos Guelfos Negros (que eram rivais dos Guelfos Brancos)¹ a pagar uma

¹ Os guelfos negros inclinavam-se para os interesses do Papado. No entanto, os guelfos brancos se apoiavam na construção política. Dante focou seus interesses na política e, portanto, apoiava os guelfos brancos.

multa de cinco mil florins e a dois anos de prisão. Porém esta era uma acusação infundada e Dante recusou-se a pagar a multa e aceitou ser exilado. Dante faleceu em 1321, em Ravena, cuja cidade foi capital do Império Romano do Ocidente entre 402 e 476 d.C. e hoje está localizada na região de Emilia-Romagna, na Itália. Durante toda a sua vida, além de escrever “A Divina Comédia”, Dante Alighieri escreveu *Vita Nuova* (escrita entre meados 1292 e 1293), *Convivio* (escrita durante o seu exílio entre 1304 e 1307) e *De Vulgari Eloquentia* (também escrita no período do exílio, entre 1302 e 1305).

Antes de escrever e publicar “A Divina Comédia”, Dante Alighieri interagiu politicamente com a sociedade florentina na época, portanto, muitas vezes analisava os comportamentos das pessoas, principalmente toda ação e consequência que tivesse quaisquer fundos religiosos, como é retratado na citação abaixo:

A razão da viagem está no fato de ele, com a *Comédia*, propor uma redenção moral da humanidade que via submetida ao apego aos bens terrenos e às paixões mundanas e, portanto, destinada à perdição eterna. Assim, para despertar nos homens a consciência da redenção, isto é, a consciência de que, se quisessem salvar-se espiritualmente, era necessário parar de perseguir os bens mundanos e voltar-se para os bens celestiais, os únicos que podiam fazê-los felizes na terra e bem-aventurados na vida eterna, o poeta decide compor um poema em que fossem mostradas as penas a que seriam condenados pela inflexível justiça de Deus se morressem submetidos a esse ou àquele pecado e, por outro lado, a bem-aventurança que Deus espargiria se se apresentassem ao seu juízo, ao mesmo tempo terrível e misericordioso, libertos do apego aos falsos e enganadores bens temporais. (DISTANTE. 2003, p. 13)

Dessa forma, Dante acreditava que escrever uma obra com teor religioso, político e social e que trouxesse as consequências e castigos conforme pecados e maldades fossem cometidos, poderia não somente converter a sociedade para o bem, mas escancarar os males materiais da vida terrena, principalmente para aquelas pessoas extremamente ligadas à religião, porque assim sentiriam medo dos reflexos que a vida terrena poderia causar em relação à vida espiritual. Dante também acreditava no catolicismo antigo, portanto, a Igreja Católica o influenciou a querer escrever essa obra, não porque ele acreditava no que a religião proferia, mas justamente, utilizou de “A Divina Comédia”, como uma justificativa para criticar a Igreja e a sociedade na época.

Desse modo, podemos, e devemos, dizer que a *Comédia* é em essência um grande livro escrito para a salvação moral da humanidade, vale dizer para

libertá-la, com a ajuda e a assistência da graça de Deus, do pecado a que o poeta, cristão e crente absoluto, a via submetida. Nesse sentido, faz-se portavoz moral e cultural, no sentido mais alto e com força doutrinal e poética excepcional, como veremos, do espírito da Idade Média, ansiando não ao gozo dos bens terrenos ou temporais, mas àqueles celestiais, segundo a mensagem cristã, da qual Dante se faz um convicto defensor. (DISTANTE, 2003, p. 13)

Portanto, quando pensamos na estrutura da obra, nós podemos perceber que “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, é composta por três partes: “O Inferno”, “O Purgatório” e “O Paraíso” e foi escrita em forma de poema, no formato *terza rima*². Em “O Inferno”, Dante se encontra em uma floresta escura e é abordado por Virgílio, um poeta romano da Antiguidade Clássica e autor do poema “Eneida”, que o leva para conhecer os pecadores e os respectivos castigos organizados entre os círculos do Inferno. Em “O Purgatório”, Dante, ainda acompanhado de Virgílio, encontra as almas dos arrependidos, mas que ainda sofrem com os seus pecados. E, na última parte, em “O Paraíso”, Dante é guiado por Beatriz entre as esferas do céu em contemplação a Deus.

Originalmente, Dante havia denominado a sua obra como somente “Commedia”, porém, mais tarde, Giovanni Boccaccio (escritor e poeta italiano do século XIV) acrescentou o “Divina” e assim permanece até hoje.

² *Terza rima* é um método em que as estrofes contêm dez sílabas, com três linhas cada.

2.1 “O Inferno”

“O Inferno”, ou seja, a primeira parte de “A Divina Comédia”, possui uma cultura religiosa muito forte, e é dito que “possui” porque, apesar de ter sido escrito na Idade Média, ainda hoje é utilizado como objeto de estudos e incentivo para entender melhor a história religiosa e social da humanidade. Sendo assim, “A Divina Comédia”, título da obra completa de Dante Alighieri, é dividida em três partes, portanto há na primeira parte: “O Inferno”; na segunda parte há “O Purgatório”; e, por último, há “O Paraíso”. Como o foco deste trabalho é voltado para “O Inferno”, estudaremos aspectos relativos a esta. Para que a obra seja compreendida, explicaremos de forma geral o contexto, desta maneira, a história começa com Dante (que autodenominou-se como o próprio personagem desta obra) preso e perdido em uma floresta escura, até que em um determinado momento, encontra o poeta Virgílio que se oferece para ser seu guia nessa viagem pelo inferno.

O Inferno possui nove círculos que formam uma espiral, onde cada círculo é equivalente a um tipo de pecado, portanto: no 1º círculo é onde está o Limbo, ou seja, estão ali as almas dos que não se batizaram ou que viveram e morreram antes de Cristo, ali estão figuras clássicas, como Platão e Sócrates. Não há castigo para esses, apenas a eternidade em suspiros e desesperança. Para o limbo, há o trecho abaixo retirado de “O Inferno”, de Dante Alighieri:

[...] não pecaram, mas não têm validez,
sem batismo, seus méritos, e isto
faz parte dessa fé na qual tu crês;

e os que tenham vivido antes de Cristo
não adoraram Deus devidamente,
e eu dessa condição também consisto.
(ALIGHIERI, 2003, p. 44)

No 2º círculo estão os luxuriosos, aqui estão as almas daqueles que cometeram adultério e se entregaram à luxúria, os pecadores estão em meio a ventos fortes, estes refletidos em seus desejos e paixões. Para o 2º círculo, há um trecho retirado abaixo:

[...] vim a um lugar mudo de todo lume
que muge como mar que, em grã tormenta,
de opostos ventos o conflito assume.

A procela infernal, que nunca assenta,

essas almas arrasta em sua rapina,
 volteando e percutindo as atormenta.

Entendi que essa é a pena resultante
 da transgressão carnal, que desafia
 a razão, e a submete a seu talante
 (ALIGHIERI, 2003, p. 50)

No 3º círculo estão os gulosos, aqueles que se lançaram à comida e bebida de forma excessiva, as almas desses se encontram debaixo de uma chuva com granizo, afundadas na lama e eternamente castigados pelas mordidas de Cérbero, o cão de três cabeças relatado na mitologia grega. Trecho sobre o terceiro círculo:

No círculo terceiro estou; maldita
 eterna chuva, gélida e pesada
 em monótono ritmo precipita.

Cérbero, fera monstruosa e perversa,
 cananinamente co' as três goelas late
 para a gente que está na lama imersa;

tem barba negra, olhos escarlate,
 grosso o ventre e as garras aguçadas
 co' as quais as almas fere, esfolia e abate.
 (ALIGHIERI, 2003, p. 55)

Já no 4º círculo estão os avarentos e esbanjadores; os pecadores, na vida terrena, acumulavam dinheiro e pensavam somente em questões materiais, aqui as almas rolam pedras gigantes incansavelmente. Para o 4º círculo, colocamos um trecho abaixo:

[...] perguntei: “Mestre meu, qual é o estado
 dessas gentes, e todos religiosos
 são esses cercilhados ao meu lado?

E ele a mim: “Todos foram tortuosos
 na mente: em sua terrena vida ignara
 nos seus gastos não foram judiciosos.”
 (ALIGHIERI, 2003, p. 62)

No 5º círculo estão os irados e rancorosos, as almas dos irados permanecem agredindo e mordendo uns aos outros, no entanto os rancorosos se encontram presos na lama, na qual se afogam e se engasgam com a própria raiva. Trecho representando o 5º círculo:

“Aquele, em vida, foi pessoa orgulhosa;
 nada há de bom em sua memória, e eis
 por que é sua sombra aqui tão furiosa.

Quantos lá em cima julgam-se grã-reis

E aqui estarão quais porcos no enxurdeiro,
De si deixando memórias cruéis”
(ALIGHIERI, 2003, p. 68)

No 6º círculo estão os hereges, ou seja, aqui se encontram aqueles que possuíam crenças contrárias àquelas ensinadas pelos sacerdotes, portanto, as almas estão presas em tumbas com brasas. Como foi explicado por Dante Alighieri, em “O Inferno”:

E eu: “Mestre, quem são aquelas gentes
que só, da profundidade de suas arcas,
são percebidas por seus ais dolentes?”

E ele explicou: “Aqui os heresiarcas,
com seus sequazes, cada tumba aleita
e esses são os mais que os que em tua mente abarcas [...]”
(ALIGHIERI, 2003, p. 77)

No 7º círculo há uma divisão contendo três vales diferentes, sendo assim, no primeiro vale estão aqueles que, ainda em vida, praticaram violência contra outras pessoas, estes permanecem submergidos em um rio de sangue fervente, sendo este o sangue de todas as pessoas que foram agredidas na vida terrena. No segundo vale estão as almas dos que praticaram violência a si mesmos, portanto, os suicidas, estes estão em forma de árvore, com folhas eternamente devoradas por harpias³. E, por fim, no terceiro vale estão os que praticaram violência contra Deus, aqui as almas são obrigadas a perambular eternamente sob uma chuva de fogo. Separamos um trecho de “O Inferno”, de Dante Alighieri que representa uma parte deste círculo:

O círculo primeiro é o dos violentos
e, sendo em três pessoas sua incidência,
este, em giros, tem três repartimentos.

A Deus, a si e ao próximo a violência
pode ofender – pessoas ou suas fruições –
como ouvirás com maior minudência.
(ALIGHIERI, 2003, p. 86)

No 8º círculo estão os fraudadores, aqui ele é dividido em dez valas, portanto, na primeira vala estão os sedutores, os quais são açoitados por demônios. Na segunda vala estão as almas dos bajuladores, estes estão enterrados com esterco. Na terceira vala se encontram as almas daqueles venderam favores divinos, estes estão presos em buracos, de cabeça para baixo, também vale a pena comentar que neste local há o maior número

³ Harpias são monstros mitológicos com corpo de ave e rosto de mulher.

de bispos, padres e papas, como o papa Bonifácio VIII, por exemplo, na qual ambos possuíam uma má relação, Dante apontou em sua obra que o esperaria neste lugar. Na quarta vala se encontram os falsos profetas, as almas são obrigadas a ficar com a cabeça virada para trás. Já no quinto vale estão os chantagistas e corruptos, as almas destes estão presas em um poço de piche quente. Na sexta vala se encontram os hipócritas, sua punição é caminhar utilizando capas de chumbo. Já na sétima vala estão os ladrões, estes são utilizados como alimento de lagartos, que os comem vivos eternamente. Na oitava vala estão os que falaram conselhos ruins na intenção de prejudicar, portanto, os maus conselheiros, estes são possuídos pelas chamas. Na nona vala estão os geradores de desavença, na qual, são mutilados. E, por fim, na décima vala se encontram as almas dos falsificadores e mentirosos, portanto, estes são castigados com feridas na pele que coçam eternamente. Trecho referente à quarta vala do 8º círculo, explicando sobre os falsos profetas:

Vê como peito e dorso foi trocando;
 porque demais quis ver para adiante:
 para trás ele olha, e anda recuando.

Olha Tirésias, que cambiou semblante
 de macho para fêmea, na passagem
 todos mudando os membros seus bastante;
 (ALIGHIERI, 2003, p. 140)

E, para finalizar os círculos, há o 9º círculo, no qual se encontram os traidores, as almas estão presas no gelo. Aqui, no centro do círculo está o próprio Lúcifer. Vale ressaltar que quanto mais profundo o círculo, mais grave será o pecado e a correspondente punição, portanto o 1º círculo é o mais leve e, em compensação, o 9º círculo é o mais intenso de todos. O trecho abaixo traz sobre o frio que há no 9º círculo:

Mil faces vi depois, arroxeadas
 pelo grão frio, que ainda me dão tremura,
 como sempre darão lagoas geladas.

Indo agora para o centro, que figura
 que toda a gravidade em si comporte,
 eu, que tremia nessa eterna friúra [...]
 (ALIGHIERI, 2003, p. 213)

Sendo assim, como anteriormente citado, Dante se coloca como o personagem da obra e, muitas vezes, ao ler, possuímos a sensação de que não estamos em frente à uma simples história, e sim, a uma autobiografia.

A Comédia está toda escrita em primeira pessoa. Mas não se trata aqui de um mero artifício gramatical, como dizer “vi” ao invés de “viram” ou “viu-se”. Trata-se de algo mais: quer dizer que Dante é um dos personagens da *Comédia*. Segundo Grossauc, este foi um dado novo. Sim, antes de Dante, Santo Agostinho escrevera suas *Confissões*. Mas, justamente por sua admirável retórica, essas confissões estão menos próximas de nós do que Dante. (BORGES, 1980, p. 27)

A escrita de “O Inferno”, de Dante Alighieri possui uma história cultural muito intensa. Originalmente, a obra foi elaborada em forma de Cantos, em dialeto toscano, e hoje, após a tradução é possível observar que algumas concepções e palavras na linguagem atual são diferentes da língua do período de Dante Alighieri:

Eu lia todas as edições que encontrava e me distraía com os comentários variados e as diferentes interpretações dessa obra múltiplice. Nas edições mais antigas, verifiquei que predomina o comentário teológico. Nas do século dezenove, a ênfase está no histórico. Atualmente se privilegia o estético, chamando nossa atenção para a modulação de cada verso, uma das virtudes máximas de Dante. (BORGES, 1980, p. 23)

Sendo assim, é possível afirmar que existem interpretações diversas, referentes à obra, isto porque é um clássico e pelo fato de ter sido escrita e publicada há muitos séculos, é possível surgir edições em que a tradução e a atualização modifiquem o conteúdo interior, porém sem retirar a sonoridade e a beleza dos versos.

3 A RELIGIOSIDADE NA IDADE MÉDIA

Na Idade Média, muito se acreditava em ressurreição e, portanto, a sociedade firmava-se na questão de “para onde a minha alma será levada”, sendo assim, a população medieval presumia que aqueles que realizavam boas ações durante a vida terrena iriam para o Paraíso e aqueles que praticaram ações ruins iriam para o Inferno, essa era a crença que perpetuava na sociedade medieval. Desta forma, como foi afirmado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt no primeiro volume de “Dicionário analítico do Ocidental Medieval”: “O cotidiano vivido do cristão ou da cristã da Idade Média é feito de uma trama escatológica. Daí o pavor da morte súbita. Quem pode nesse combate pretender estar a cada instante puro de todo o pecado e em luta contra Satã?” (2017, p 27), comprovando que as pessoas não pensavam somente em praticar a bondade de forma espontânea, e sim, a partir de uma obrigação, por medo de qual seria o seu destino na ressurreição.

Desta forma, nós podemos afirmar que a religiosidade na Idade Média foi marcada por um conjunto de representações de caráter cultural e social, conforme aponta Le Goff:

Um poderoso personagem disputa a Deus o seu poder no céu e sobretudo na terra: o Diabo. Na Alta Idade Média, Satã não tem papel de primeiro plano, nem muito menos uma personalidade de destaque. Ele aparece com nossa Idade Média, e se afirma no século 11, sendo uma criação da sociedade feudal. Com seus sequazes, os anjos rebeldes, ele é a própria imagem do vassalo pérfido, do traidor. Diabo e O Bom Deus, eis o par que domina a vida da Cristandade medieval, cuja luta, aos olhos dos homens da Idade Média, explica todos os pormenores dos acontecimentos. (GOFF, 2005, p. 153)

Portanto, pelo fato de a Igreja Católica influenciar as crenças da população, e a humanidade acreditar na possível separação da vida terrena para a vida espiritual, Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt salientam que: “O cristianismo é uma religião de salvação, aquela que teve maior sucesso por volta do início da era cristã, época que já foi qualificada como “idade da angústia”. (2017, p 23). Deste modo, o comportamento dos homens no período da Idade Média era influenciado pela crença religiosa, pois muitos autores e historiadores explicam que, nesse período, havia uma grande vertente de pensamento maniqueísta, ou seja, uma vertente dualística (lados opostos), e como estamos abordando sobre pecados, a principal dualística apresentada aqui seria a do “bem” e a do “mal”.

Para a ortodoxia cristã, o grande erro do maniqueísmo era pôr Deus e Satã, o Diabo e o Bom Deus, em pé de igualdade. [...] Para eles, de um lado estava Deus e de outro, o Diabo. Esta grande divisão dominava a vida moral, a vida social e a vida política. A humanidade encontrava-se dividida entre estes dois poderes divergentes e irreconciliáveis. Se um ato fosse bom, provinha de Deus; se fosse mau, o Diabo. (GOFF, 2005, p. 154)

Também é importante salientar que a concepção de “ressurreição” não está ligada somente na ideia de voltar ao corpo pertencente antes, e sim, a um corpo “glorioso”, portanto espiritual, porque a ressurreição serviria para purificar e retirar todos os males praticados ainda em vida terrena.

Os eleitos ressuscitarão no mesmo corpo que foi o seu na terra, mas um corpo “glorioso”, purificado de todas as suas enfermidades e subtraído à usura do tempo: será como o corpo de Adão antes da Queda, e nesse corpo metamorfoseado os eleitos se beneficiarão novamente da visão imediata e completa de Deus. (GOFF; SCHMITT, 2017, p. 289)

Sendo assim, nós podemos concluir o porquê da vontade da ressurreição e o medo da morte repentina, pois assim, as pessoas poderiam receber o perdão de Deus e praticar boas ações antes de sua morte, pois a sociedade medieval possuía um amedrontamento em relação às punições com base nas consequências apresentadas por conta de seus pecados cometidos na vida terrena.

3.1 A sociedade florentina

A sociedade italiana, especialmente a cidade natal de Dante, que era Florença, serviu de palco para a maior criação literária da vida dele, que é “A Divina Comédia”, isso porque Dante observava as ações humanas e criticava o caráter moral das pessoas que viviam nessa cidade.

A motivação, que determinou a colocação da enorme bagagem cultural de Dante em forma de arte, foi a realidade histórica e social. *A Divina Comédia* é a história de um homem que viveu seus últimos vinte anos de vida no exílio, peregrinando de uma cidade para outra, vivendo quase de esmolas, vítima de ódios políticos. É a história de um povo, o povo italiano do fim da Idade Média, dividido em várias cidades-Estado em contínuas lutas pela sobrevivência política, cada qual recorrendo à ajuda estrangeira, quer do povo imperial, quer do povo papal. É por isso que *A Divina Comédia* é também sobretudo a *história da humanidade* toda, pois seu protagonista assume o papel simbólico de cidadão do mundo, que sofre e luta para alcançar os ideais cívicos da união, da justiça e do amor nesta terra e a fé num mundo melhor no além. (D’ONOFRIO, 2000, p. 177)

Como Dante era um homem envolvido com política, nós pudemos ver mais de perto o desenrolar social e político da cidade, além de compreender um pouco mais sobre os comportamentos humanos. Esse período é determinado pela rivalidade política entre os gibelinos e guelfos⁴, isso por conta da disputa entre o Sacro Império Romano e o Papado.

Na sua vida política mostrou-se energético e justo, e não se rendeu a ninguém, amigo ou adversário que fosse, para assim assegurar a paz aos cidadãos de Florença. Resistiu à ingerência do papa Bonifácio VIII nos negócios internos da cidade, por isso militou junto aos *Guelfi* brancos que se opunham tanto à política da Igreja quanto à do Império, as duas grandes forças rivais da Idade Média (DISTANTE, 2003, p. 10)

Hoje, a questão carnal é considerada algo banal e presente no cotidiano de muitas pessoas, principalmente no Brasil, porém na Itália, a luxúria e o erotismo, apesar de ser considerado um pecado descrito no “Inferno” de Dante, marcavam presença nos atos humanos, além de que algumas pessoas não enxergavam como algo impuro, mas possivelmente, romântico, ou até mesmo, mecanismo comercial, ou seja, muitos pais vendiam suas filhas para realizarem casamentos forçados, em troca de terrenos. Porém, como foi explicado em outros capítulos, a religiosidade da Igreja interferia nessa concepção, pois

Mesmo nos elegíacos romanos, o amor é exclusivamente sexual, acompanhado de sentimentalismos e frustrações. Depois, a moral cristã exclui o erotismo, e o cristianismo dos feudais tem, do amor, a noção utilitária de todos os proprietários de terrenos; as filhas dos senhores feudais da Provença ainda eram dadas em casamentos sem vontade própria e sem amor, assim como se vendem terrenos. (CARPEAUX, 2012, p. 123)

Pelo fato de a sociedade florentina ser utilizada como um dos meios de sua inspiração para a criação da obra “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, nós encontramos, muitas vezes, trechos que criticam a maldade de Florença dentro de “O Inferno”, sendo assim, personalidades e pessoas que Dante conheceu, foram colocadas em seus respectivos pecados. “O Inferno” encontra-se preenchido por pessoas que habitam a cidade, de forma negativa, conforme está presente em “O Inferno”, de Dante Alighieri, no qual um dos pecadores presentes ali afirma: “A cidade tua que é plena de inveja, até transbordar-lhe o bisaco, teve-me ao tempo da vida serena” (ALIGHIERI, 2003, p. 57)

⁴ Eram considerados gibelinos aqueles que defendiam o Sacro Império Romano (normalmente comerciantes), e eram considerados guelfos aqueles que apoiavam o Papado (geralmente famílias relacionadas à nobreza).

Sendo assim, nós podemos seguir para o próximo capítulo que trará as noções sobre pecados e punições, portanto, o significado destes na história da humanidade.

4 NOÇÕES SOBRE PECADOS E PUNIÇÕES

Para a Bíblia, “Todo aquele que pratica o pecado transgride a Lei; de fato, o pecado é a transgressão da Lei..” (1 João 3:4), portanto, é possível perceber que ocorre a ruptura no que diz respeito à conexão entre o ser humano e Deus. A partir dessa ruptura é perceptível que a rebelião e desobediência se tornem grandes consequências em relação à liberdade espiritual, sendo assim, tudo aquilo que vai contra a vontade de Deus recebe uma punição e, por isso, existe o inferno⁵. Desta forma, é importante salientar que a humanidade da Idade Média possuía um certo discernimento não somente da concepção do bem e do mal de forma prática, mas realizava uma conexão de que o mal seria representado pelo diabo e que, portanto, os levaria a pecar, e que o bem seria Deus, sendo assim, as pessoas tenderiam a escapar da maldade.

E se pensarmos que a Europa, e a Itália em especial, já desde o século XI se encaminhava para uma vida de dinamismo burguês que deixara para trás a imobilidade da vida feudal. [...] chegando por volta do final do século XIII e início do século XIV, na época de Dante, a uma explosão de costumes e de modos de vidas e a contrastes de interesses sociais capazes de abalar os alicerces de toda a sociedade (DISTANTE, 2003, p. 11)

É possível compreender também que, em relação à concepção de pecado e o que a sociedade medieval acreditava sobre este tema, existe o que é denominado de “Pecado Original”, que seria a origem de todos os pecados, portanto, a história de Adão e Eva. O pecado cometido por Adão e Eva é muito reconhecido na Idade Média, tanto pelo fato de ser o primeiro pecado de todos segundo a concepção judaico-cristã predominante no Ocidente, como a descrição de não somente a história da humanidade, mas a história de uma humanidade pecadora, como foi afirmado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt: “Esse pecado [...] está na origem da vida de cada homem, que nasce pecador antes mesmo de haver cometido algum pecado.” (2017, p. 381). Sendo assim, além deste ter sido o primeiro pecado de todos os tempos, é, também, um dos únicos que a sociedade medieval conhecia.

Os homens da Idade Média falavam longa e variadamente sobre o pecado. De início, o pecado foi narrado: há o relato do pecado de Adão e Eva, descrito pela Escritura, repetido pelas palavras de milhares de pregadores e exegetas, e representado em inúmeras imagens; há os relatos de outros pecados,

⁵ Vale a pena acrescentar que a existência do inferno descrita pela Igreja Católica conforme o que compreendemos sobre desobediência a Deus é a expulsão de Lúcifer do Paraíso. Sendo assim, a transgressão da Lei descrita acima traz, de antemão, uma das desobediências mais fortes já descritas pela Bíblia, portanto, Lúcifer se opôs aos pensamentos de Deus, possuindo os próprios, formando o que conhecemos como o inferno após a sua expulsão.

pecados importantes ou exemplares, que sabem suscitar o medo do mal e o desejo do bem; (GOFF; SCHMITT, 2017, p. 380)

É necessário compreender, também, que abordar sobre pecados, não é somente entender aquilo no qual uma pessoa pecou em sua vida terrena, mas de que maneira o pecado age após a morte e qual a relação existente entre o corpo e a alma.

O pecado estabelece a dinâmica das relações entre alma e corpo, que constituem a “pessoa medieval”. Tendo a maravilhosa perfeição da relação original sido destruída pelo pecado, a alma e o corpo vivem juntos no indivíduo em estado de contínua tensão que, por sua vez, gera o pecado: aqui a carne concupiscente, fonte de impulsos dificilmente refráveis; ali um espírito enfraquecido, assolado pelas paixões, incapaz de governar sozinho o corpo que habita o tolhido em seu desejo de se voltar para o bem” (GOFF; SCHMITT, 2017, p. 379)

Com isso, nós explicamos sobre os pecados, porém é interessante, também, trazer a compreensão das punições da Idade Média e realizar uma pequena reflexão sobre as mesmas encontradas em “O Inferno”, de Dante Alighieri.

Desta forma, nós podemos começar abordando sobre as primeiras punições registradas neste período, expressas na Lei de Talião. Essa Lei também é conhecida como “olho por olho, dente por dente” e consiste em impor ao criminoso um castigo que seja correspondente à falha cometida. A Lei de Talião significa “lei igual ou proporcional”, sendo assim, acreditava-se que esse tipo de castigo seria justo, uma vez que o infrator sofreria no mesmo grau em relação ao crime cometido.

Com a evolução social, para evitar a dizimação das tribos, surge o talião (de talis = tal), que limita à ofensa a um mal idêntico ao praticado. [...] Adotado no Código de Hamurábi (Babilônia), no Êxodo (povo hebraico) e na Lei das XII Tábuas (Roma). (MIRABETE, 1987, p. 39)

Essa Lei está presente no Antigo Testamento e pode ser encontrada conforme a passagem: “Quebradura por quebradura, olho por olho, dente por dente; como ele tiver desfigurado a algum homem, assim se lhe fará.” (Levítico 24:20)

Porém, acreditava-se também que, pelo fato de a Lei de Talião trazer justiça, não seriam aceitas punições realizadas por razões pessoais, ou aquelas que fossem feitas de maneira proposital, pois eram consideradas extremas e agressivas demais. Sendo assim, nós podemos iniciar a explicação de um segundo tipo de punição da Idade Média, que, ao contrário da Lei de Talião, não exigia a proporcionalidade; essas punições eram chamadas de “Ordálias de Deus”.

As “Ordálias de Deus” ou “Juízos de Deus”, como também eram conhecida, eram práticas realizadas na Idade Média, exatamente no período em que as mulheres eram acusadas de praticar bruxaria e, portanto, eram forçadas e submetidas a passar por punições consideradas divinas⁶. Sendo assim, essa prática consistia em punir a pessoa com procedimentos arriscados, nos quais se a pessoa saísse ileso dessa prática, seria considerado um milagre, pois Deus estaria ajudando o cidadão/cidadã, caso contrário, o indivíduo seria considerado culpado.

As punições se dividiam entre julgamentos com água, crucificação, fogo e envenenamento, e a mais conhecida dentre todas era quando o homem ou a mulher eram submetidos a caminhar sobre fogo por, aproximadamente, três ou quatro metros. Sendo assim, novamente, a regra era que, se essa pessoa saísse intacta desta prova ou fosse percebido que as feridas, em poucos dias, já estariam cicatrizadas, ela era considerada inocente, ou caso os machucados não curassem ou piorassem, era tida como culpada, resultando em pena de morte.

Sendo assim, após mostrarmos as punições vigentes na Idade Média, nós podemos analisar o sentido de algumas das punições encontradas em “O Inferno”, de Dante Alighieri. Desta forma, explorando a obra, podemos perceber que Dante fez algumas distinções dentro dos pecados, pensando nas punições voltadas à Idade Média. Por exemplo, citando três pecados e suas punições: no segundo círculo, que é a Luxúria, as almas estão presas em redemoinhos, os ventos presentes ali são medidos em intensidade conforme os sentimentos que os amantes tiveram na vida terrena. Já na Gula, a punição desses é serem atacados pelo Cérbero que lhes arranca os pedaços de modo voraz, pois quem come muito, logo sofrerá da mesma forma, como anteriormente explicado. E, por fim, no círculo dos violentos, todos esses pecadores recebem a punição conforme os pecados cometidos, portanto, aqueles que cometeram violência contra outra pessoa, estarão eternamente banhados no sangue da vítima. Deste modo, nós podemos perceber que Dante utilizou certos aspectos muito empregados na Idade Média, como a Lei de Talião, pois no Inferno, algumas punições são pagas conforme o sofrimento ou transgressão cometida na vida terrena.

⁶ Eram consideradas divinas porque acreditava-se que Deus era a autoridade máxima e, que, portanto, entendia e sabia de praticamente tudo. Portanto, para a população da Idade Média, o julgamento e o livramento possuíam ingerência absoluta de Deus.

Sendo assim, algumas questões sobre o percurso religioso e as primeiras noções em relação ao conceito de pecados e punições estarão presentes no próximo capítulo.

4.1 Percurso histórico

Antes de existir “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, precisamos conhecer e percorrer por histórias míticas trazidas de antemão sobre o percurso histórico e religioso no mundo, sendo assim, nós podemos começar, antes de mais nada, a falar sobre a história de Adão e Eva, da maneira pela qual são retratados em “Gênesis”, o primeiro livro da Bíblia. Adão e Eva foram os primeiros seres humanos criados por Deus. De forma mais explicativa, Deus criou o mundo em sete dias e Adão foi o primeiro ser humano criado a partir do barro no sexto dia e, sendo assim, Eva foi criada a partir da costela deste. Os dois viviam livre e inocentemente no Jardim do Éden, porém, como nada é perfeito, Deus criou uma árvore em que, segundo ele, haveria o fruto proibido, este fruto seria proibido de ser tocado ou comido. Porém, Eva conhece uma serpente astuta que a convence de comer o fruto proibido, alertando-a de que não seriam punidos, sendo levada a acreditar na serpente e provando do fruto junto de Adão. Mais adiante, ao serem questionados por Deus, Adão culpa Eva por tê-lo convencido, e Eva culpa a serpente pela esperteza. A partir disso, Deus delimitou a sentença de julgamento, na qual este ato seria considerado como o primeiro pecado, sendo assim, para Eva, a mulher sentiria muita dor ao parir seus filhos e viveria em um constante conflito com seu marido. E para Adão, o homem viveria em busca de trabalho árduo para trazer sustento à família.

O tempo histórico é um tempo pontuado pelo pecado: antes e depois da Queda, antes e depois da vinda de Cristo, antes e depois do Juízo Final. As fases da história da humanidade sucedem-se de acordo com os acontecimentos cruciais da história do pecado: o ato de desobediência a Deus de Adão e Eva assinala a passagem de um estado original de perfeição para uma condição dominada pela presença do pecado; (GOFF; SCHMITT, 2017, p 378)

Dito isso, nós podemos partir para o contexto histórico-religioso. Ainda na Antiguidade, a ideia de pecado foi ampliada e definida, apontando-se sete pecados capitais, estes são considerados erros ou vícios que definem as ações dos seres humanos, levando-os a pagar os seus pecados conforme certas ações maldosas. Os sete

pecados capitais foram criados pelo papa Gregório Magno, no século 6, definindo-os como: luxúria, gula, soberba, avareza, inveja, ira e preguiça e esses vícios de conduta só se tornaram oficiais no século 13, pela Igreja Católica.

Irei descrevê-los, para que possamos nortear esses pecados com aqueles presentes em “O Inferno”, de Dante Alighieri. Temos a Soberba, que traz a questão do orgulho excessivo, e aproveitamos para colocá-lo como primeiro, pois este pecado aparece em Gênesis, quando Adão e Eva provam do fruto proibido, contrariando a Deus. Há uma passagem da Bíblia no Novo Testamento para cada pecado, sendo assim, a passagem relacionada à Soberba é a seguinte: “Tenham uma mesma atitude uns para com os outros. Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior. Não sejam sábios aos seus próprios olhos” (Romanos 12:16). Após isso, há a Avareza, portanto, a inclinação excessiva relacionada aos bens materiais e ao dinheiro, a passagem da Bíblia em que é citado esse pecado é: “Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens e mergulham na ruína e na destruição [...]” (1 Timóteo 6:9-10).

O próximo pecado é o da Inveja, esse pecado diz sobre pessoas que não comemoram a conquista alheia, não gostam da felicidade e do sucesso alheios, a passagem presente sobre esse pecado é: “Livrem-se, pois, de toda a maldade e de todo engano, hipocrisia, inveja e toda espécie de maledicência” (1 Pedro 2:1). Após isso, há a Ira, portanto, uma irritação intensa, podendo levar a agressões verbais e físicas; a passagem da Bíblia em que é citado esse pecado e a seguinte: “Evite a ira e rejeita a fúria; não se irrite: isso só leva ao mal” (Salmos 37:8). O próximo pecado é a Luxúria, ou seja, pecados relacionados aos desejos sexuais, sendo assim, a passagem relacionada à Luxúria é: “Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem” (Gálatas 5:19). O próximo pecado é o da Gula, o desejo de comer e beber intensamente; a passagem presente sobre esse pecado é: “Não ande com os que se encharcam de vinho, nem com os que se empanturram de carne. Pois os bêbados e os glutões se empobrecerão, e a sonolência os vestirá de trapos.” (Provérbios 23:20-21). E, por fim, o último pecado, mas não menos importante, é a Preguiça, esta traz o desânimo e desinteresse em tudo aquilo que exige um certo esforço, a passagem relacionada à Preguiça é: “Não ame o sono, senão você acabará ficando pobre; fique desperto, e terá alimento de sobra.” (Provérbios 20:30).

Sendo assim, nós podemos perceber a enorme influência dos pecados capitais na criação do Inferno de Dante, portanto, seguiremos para o último capítulo, na qual este traz as reflexões e todas as questões do mundo contemporâneo e qual o impacto da história para o mundo moderno.

5 NOÇÕES REVISTAS (OU REVISITADAS) NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Quando nós olhamos para o mundo atual, nos deparamos com a diversidade da maldade e como esta adaptou-se conforme o período. Enquanto na Idade Média o mal era atribuído a questões religiosas e comportamentais, na sociedade contemporânea o mal se encontra em coisas mais simples e menos “aterrorizantes” do que a proximidade da silhueta do diabo imaginada pela Igreja Católica.

A nós, parece que o mal vive em outro local. Pensamos que ele não está em nós, mas à espreita em certos lugares, em determinados territórios do mundo que nos são hostis ou em que acontecem coisas que colocam em perigo toda a humanidade. Essa ilusão e esse tipo de autoengano ingênuos estão presentes no mundo hoje da mesma forma que duzentos ou trezentos anos atrás. A representação do mal como fator objetivamente existente foi por muito tempo encorajada por histórias religiosas e pelas mitologias do mal. (DONSKIS, 2021, p. 14)

Sendo assim, existe uma diferença significativa entre a concepção do mal da Idade Média e o mal contemporâneo, tão intensamente pelo fato de não termos mais tanta influência da Igreja Católica, como pela questão de nossos hábitos mudarem. É possível enxergar que muitos jovens depositam seus comentários ou praticam certos preconceitos por meio de redes sociais, e claro, isso é uma das primeiras mudanças entre o ontem e o hoje, uma vez que a tecnologia, como telefones celulares e computadores são objetos criados não há muito tempo.

Todos esperam ver um monstro ou uma criatura do inferno, mas na verdade veem um banal burocrata da morte cujas personalidade e atividade são testemunhos de uma extraordinária normalidade e até de um elevado senso de dever moral. [...] Novas formas de censura coexistem – da maneira mais estranha – com a linguagem sádica e canibalesca encontrada na internet e que corre solta nas orgias verbais do ódio sem face, nas cloacas virtuais em que se defeca sobre os outros e nas demonstrações incomparáveis de insensibilidade humana (em especial nos comentários anônimos). (DONSKIS, 2021, p. 16 - 18)

Nós tendemos a acreditar que o mal esteja explícito, como se o rosto da criatura do inferno aparecesse na face das pessoas, mas na verdade ele se esgueira em pequenas ações, principalmente aquelas ligadas aos sentimentos, não que isso, hoje, defina o destino das pessoas como pecadoras com o caminho certo para o inferno, mas estamos falando da concepção de mal contemporâneo.

As pessoas de hoje não se preocupam mais com o fato de saberem ou não para onde as suas almas irão após a morte, antigamente existia essa preocupação, mas no

mundo atual há muito mais ganância e busca por poder e dinheiro, sendo assim, as pessoas simplesmente esquecem de realizar bondades sem se importar em não publicá-las na *Internet*. Esse fator pode ser chamado de “falsa bondade”, porque algumas pessoas saem na rua à procura de alguém que necessite de ajuda, mas essas ajudas nunca são dadas de mão beijada, a bondade precisa ser filmada, ela precisa ser vista, porque não basta a paz e tranquilidade da própria alma, existe uma necessidade de haver um palco para que aquelas ações “boas” sejam vistas e aplaudidas. A raça humana do século XXI é, possivelmente, a raça mais irracional, egoísta e materialista que existe, principalmente no Brasil. As pessoas não se preocupam se certas consequências de suas ações podem prejudicar o próximo, porque existe uma bolha em volta de cada indivíduo, trazendo uma só preocupação: sobre si mesmo.

O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso. (DONSKIS, 2021, p. 16)

Quando nós paramos para analisar e comparar a obra de Dante com o mundo contemporâneo, nos deparamos com uma diferença absurda de valores, porque não somente o mundo evoluiu, mas os pensamentos e maldades começaram a se mascarar em questões distintas que, possivelmente, na Idade Média fossem consideradas banais. Um exemplo clássico e que não é nada contemporâneo, porém é muito falado no dia-a-dia atual é o sexo. Em “O Inferno”, Dante pôs a luxúria como o pecado mais leve, ela se encontra logo após o Limbo e as figuras mais famosas, e que geralmente são comentadas em palestras e outras obras, são o casal Francesca e Paolo, na qual ambos cometeram o adultério e a pena eterna deles é encarar ventos fortes, porém, acima de tudo, ainda permanecem juntos no mesmo espaço.

Ao considerarmos a Luxúria nos dias de hoje, provavelmente, ela não seria posta no 2º círculo, isso porque contemporaneamente, o sexo não é mais somente a concepção de adultério ou até, por muitos, considerado amor, mas existem diversos fatores sérios dentro deste tema, por exemplo, estaria dentro da luxúria, hoje, o estupro, ou então a pedofilia. Esses são temas atuais, e que, apesar de sabermos que não existem há pouco tempo, faz alguns anos que é muito problematizado. Além disso, a Luxúria não traz mais somente a ideia do sexo, e sim, a sexualização do corpo, e em como a mídia induz a necessidade da valorização do corpo, não somente pensando no amor próprio, mas em

como isso pode atrair outras pessoas, principalmente o corpo feminino relacionado aos homens.

A vida social parece-lhe dirigida, em todos os níveis e em todos os mecanismos, por esse laço de solidariedade criminosa na qual está baseada: as relações entre homem e mulher são dominadas pela luxúria, o exercício do poder gera ambição e vaidade, a atividade econômica transforma-se em avareza, a corrente de subordinações alimenta a inveja. (GOFF; SCHMITT, 2017, p. 379)

Em um vídeo na plataforma Youtube, denominado “Os velhos e os novos pecados”, Leandro Karnal traz questões relacionadas aos pecados antigos e os contemporâneos usando de um tom irônico, muitas vezes. Em uma passagem, Karnal explica que os pecados capitais possuem, agora, um sentido contemporâneo diferenciado. Sendo assim, segundo Karnal, a Luxúria contemporânea seria a valorização do corpo, a sexualidade. A Ira seria uma maneira de autodefesa que precisa ser controlada, carregando a compreensão de que toda raiva e sentimento ruim devem ser colocados para fora, pois pessoas contidas não são felizes. O pecado da Avareza, no modo de ver contemporâneo, é tido como planejamento do futuro, ou seja, não é avareza, e sim, um cuidado para os dias difíceis. Para a Inveja, haveria o contraponto do estabelecimento de metas, portanto, não é inveja querer o carro do vizinho e, sim, apenas o desejo de chegar no mesmo lugar. Já para a Preguiça, a nova reflexão seria a noção de relaxamento, as pessoas não são mais preguiçosas, elas estão apenas aproveitando o descanso e relaxamento. A Gula seria uma fuga do padrão da anorexia, portanto, a ideia de não mais seguir os padrões que a sociedade impõe. E, por fim, mas não menos importante, a Vaidade no modo de ver contemporâneo é vista como essencial para a felicidade, desta forma, Karnal explica que uma pessoa vaidosa possui amor próprio e que, geralmente, essa se ama muito, o que é tido como positivo.

Partindo adiante, nós comentamos em outros capítulos que um dos maiores medos da sociedade medieval era o da morte repentina ou da não-ressurreição, porém quando olhamos para a sociedade contemporânea, nos deparamos com questões diferentes relacionadas ao medo. Hoje o ser humano moderno não tem mais medo de morrer antecipadamente, correndo o risco de não ter realizado boas ações, a sociedade contemporânea tem medo de perder o celular, de ser demitido, de ser assaltado. A concepção de medo não é mais a mesma, não porque a religião deixou de existir, mas porque o mundo se tornou tão tecnológico e perigoso que crer em reencarnação ou ressurreição não são mais considerados temas relevantes ou importantes o suficiente,

não pelo fato de que hoje as pessoas consideram religião uma idiotice, mas porque assistir a um canal de televisão, ou navegar pela *internet* trazem mais satisfação e distração em um mundo tão caótico, do que acreditar nas consequências de seus atos na vida terrena.

O ser humano contemporâneo está constantemente preso ao bem-estar, em busca da felicidade, e acreditamos que, talvez, esse seja um dos poucos assuntos que se ainda perpetuam desde a Idade Média, que é o materialismo. O material, o que usamos, o que vestimos, o dinheiro, nós estamos eternamente presos no materialismo, em busca de poder, de emprego. A diferença do materialismo medieval para o contemporâneo é, provavelmente, o fato de que hoje sempre queremos mais. Nós desejamos coisas que não podemos alcançar ou simplesmente compramos os objetos mais supérfluos do mercado porque todos na *Internet* estão comprando, pois é muito fácil, porque a *Internet* está presente a fim de nos beneficiar.

[...] Quando tinham sede, nossos ancestrais tomavam sua dose diária de água em riachos, rios e fontes. Nós compramos uma garrafa de plástico cheia de água numa loja vizinha e a levamos conosco o dia inteiro, a todos os lugares, bebendo um gole de vez em quando. Ora, essa é uma “diferença que faz diferença”. [...] Em ambos os casos, o que faz a diferença é a sua comercialização. O medo, tal como a água, foi transformado em mercadoria de consumo e submetido à lógica e às regras do mercado. (BAUMAN, 2021, p. 124 – 125)

Essa é a verdade, a sociedade contemporânea tem crise de ansiedade, insegurança existencial e uma conta nas redes sociais. Estamos sempre em busca do imediatismo, não buscamos mais água em riachos, porque ela sempre está presente no mercado mais próximo de nossa casa.

Provavelmente a maior diferença da sociedade medieval para a contemporânea está no fato de que, hoje, Deus não está mais no centro do mundo, e sim o homem. Hoje tudo é feito pelo homem e a crença não possui mais a mesma força de antigamente. O homem cria as máquinas e o celular de última geração, e não Deus, portanto é extremamente difícil encontrar jovens que possuem uma crença, porque o maior ídolo da vida deles é o homem e o último produto a ser adquirido.

As pessoas contemporâneas conversam sobre tantas trivialidades e agem com tamanha ignorância, como se a dor dos acontecimentos modernos fosse a mais profunda de todas e esquecem que estão descritas na história da humanidade diversas tragédias que realmente importaram para o mundo. Na verdade, não somente esquecem, mas

possuem desinteresse, porque o tempo utilizado no dia-a-dia de muitos jovens está voltado para vídeos e danças constantemente presentes nas redes sociais, pois é muito mais interessante compreender sobre o término do namoro de algum famoso, do que buscar em livros o sentido de muitas coisas e aprender sobre a origem do mundo.

A teoria conspiratória da sociedade aparece como um *cri du coeur* contra o muro das formas líquidas modernas de alienação social, indiferença moral, desengajamento político e silêncio. [...] Este é um universo em que ninguém responde às nossas cartas ou mensagens por e-mail, onde ninguém retribui nossos esforços, a menos que surjamos com uma novidade política ou um relato plausível de nosso sofrimento; ou a menos que nós mesmos nos tornemos uma boa evidência empírica capaz de sustentar a teoria social ou a doutrina política de outra pessoa. (DONSKIS, 2021, p. 147)

Sendo assim, podemos concluir que, hoje, nós apenas queremos seguir pessoas famosas e mostrar para o mundo as nossas conquistas, mesmo que a nossa felicidade seja uma grande mentira. Porém, o nosso egocentrismo necessita de um palco, por mais sujo que ele seja, não porque nos importamos, mas porque a nossa bolha extremamente individual é muito mais interessante.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, tentamos nos aprofundar para compreender melhor de que maneira o sentido de pecado foi mudando ao longo dos séculos. Portanto, no primeiro capítulo, fizemos uma introdução, justificando a escolha do tema e apresentando o que iríamos trabalhar. No segundo capítulo escrevemos sobre a história de Dante Alighieri e explicamos um pouco sobre o motivo da escrita de “A Divina Comédia”, realizando uma abordagem sobre o mapa do Inferno e explicando todos os círculos presentes na obra. Já no capítulo três falamos sobre a religiosidade na Idade Média, dando enfoque em Florença também, portanto, esclarecemos como era a influência religiosa e de que forma as crenças se perpetuavam na sociedade. No capítulo quatro explicamos sobre as noções de pecados e punições, sendo assim, o que são os pecados e as punições e qual o surgimento e impacto de cada um na sociedade medieval. No capítulo cinco nós trouxemos a contemporaneidade, analisando quais são as noções de pecado no momento atual e quais valores sociais e individuais foram modificados.

Conforme o trecho retirado de: “Por que ler os clássicos?”, de Italo Calvino: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).” (CALVINO, 2007, p. 11). Portanto, por mais que “O Inferno”, de Dante Alighieri, tenha sido escrito há muitos séculos, é possível perceber que diversos valores não foram modificados, mas que, também, houve uma grande atualização em relação aos conceitos trazidos dentro dos pecados e punições. A raça humana está constantemente em evolução, mesmo que seja para o bem, ou para o mal, e por mais que a sociedade contemporânea possua diversos defeitos, essas mesmas imperfeições existiam na Idade Média.

Com isso, nós podemos concluir que o ser humano nunca será igual ao longo dos séculos, pois este possuirá seus defeitos, crenças e valores, por mais distintos e absurdos que eles sejam. Um clássico nunca envelhece, mas a sociedade sempre estará em constante evolução.

7 REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. São Paulo: Editora 34, 2003.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BRAZZAROLA, Giorgia. **A vida, a sociedade, a política e a cultura nos tempos de Dante Alighieri**. In: Fragmentos, Florianópolis, n. 33, 2007.

BORGES, Jorge Luis. **Sete noites**. São Paulo: Max Limonad, 1983.

CARPEAUX, Otto Maria. **A Idade Média**. São Paulo: Leya, 2012.

DISTANTE, Carmelo. Prefácio. In: ALIGHIERI, Dante. **O Inferno**. São Paulo: Editora 34, 2003. (p.7 – 17)

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: Autores e obras fundamentais**. São Paulo: Ática, 2000.

GOFF, Jacques Le. **A civilização do Ocidente medieval**. São Paulo: Edusc, 2005.

GOFF, Jacques Le; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Unesp, 2017. Vol. 1

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

KARNAL, Leandro. **Pecar e perdoar: Deus e o homem na História**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

MIRABETE, Julio Fabbrini. **Manual de Direito Penal: Parte Geral (Arts. 1º a 120)**. São Paulo: Atlas, 1987.

REYNOLDS, Barbara. **Dante: o poeta, o pensador político e o homem**. Rio de Janeiro: Record, 2011.